

## Área Temática 31:

### Sociolinguística

#### A abordagem dos pronomes pessoais no livro didático de português: reflexões à luz da variação linguística

Autores: Érica Carvalho da Silva <sup>1</sup>, Ana Lima <sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

**Resumo:** O objetivo geral desta pesquisa é o de analisar o tratamento dado ao ensino dos pronomes pessoais do caso reto no livro didático de português destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental, observando se ainda impera a concepção prescritiva do conteúdo, que em nada favorece a reflexão crítica do aprendiz, ou se os autores abrem espaço à perspectiva da variação linguística, estimulando a criticidade e ampliando o repertório linguístico dos educandos. Como objetivos específicos, destacamos: (i) analisar os quatro eixos do ensino, nos livros didáticos, verificando se as atividades elaboradas para o ensino dos índices de pessoa contemplam os usos do português brasileiro; (ii) investigar tendências do português brasileiro relacionadas ao uso dos pronomes pessoais do caso reto; (iii) defender a importância do trabalho com os pronomes pessoais em seus contextos de uso, para o conhecimento da nossa realidade sociolinguística. Foram selecionadas para análise as seis obras aprovadas pelo PNLD/2014 que compunham a lista das mais distribuídas às escolas públicas pelo FNDE. A análise foi fundamentada na revisão de literatura de Benveniste (1995), Neves (2003, 2011), Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Bagno (2007, 2010, 2012, 2013) e Antunes (2014). Das seis obras selecionadas uma não abordou o ensino dos pronomes pessoais, sendo excluída da pesquisa. As demais obras confirmaram nossa hipótese: os livros didáticos de português abordam tanto a definição de pronomes quanto o quadro dos pronomes pessoais do caso reto embasados nos postulados da gramática normativa, como objeto de uma língua estanque, imutável. Além disso, apesar de todos os livros fazerem referência, de alguma maneira, à concorrência das formas “tu/você”, “vós/vocês” e “nós/a gente”, a abordagem é feita, na maioria das vezes, tendo como viés a “linguagem informal”.

**Palavras-chaves:** livro didático, pronomes pessoais, variação linguística

#### A concordância de número em redações escolares: um olhar sociolinguístico

Autores: Ana Paula Rodrigues Neves <sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Neste trabalho, apresento uma análise da variação da concordância de número (verbal e nominal) em redações escolares coletadas em escolas públicas do município do Rio de Janeiro. O objetivo principal aqui é mostrar o padrão de concordância verbal e nominal que aparece nas redações relacionado ao aumento da escolaridade dos alunos. Diversos trabalhos têm mostrado que a escolaridade é um fator condicionador para o aumento da aplicação da regra de concordância (Scherre e Naro, 1998). A escolaridade, entretanto, não parece ser um fator condicionador da concordância nas variedades do Português Europeu: Monte (2007) analisa a concordância verbal em amostras de fala do português brasileiro e do português europeu. Além de os índices de concordância serem mais altos na variedade europeia, o fator “escolaridade” não interfere no seu aumento ou diminuição; contrariamente, na variedade brasileira, quanto mais escolarizados os informantes, maior o índice de concordância. Desse modo, por hipótese, espero encontrar na amostra de redações escolares um aumento no índice de concordância relacionado ao aumento da escolaridade. Para testar essa hipótese, metodologicamente, foram selecionadas redações de alunos do 5o. e do 9o. anos do ensino fundamental e do 1o. e 3o anos do ensino médio. A metodologia divide-se em duas etapas: uma em que o professor da turma solicita uma tarefa aos estudantes para produzirem a redação e a etapa específica de trabalho com os dados. A análise inicial de dados permite afirmar que as redações dos alunos com maior grau de escolaridade apresentam maiores índices de aplicação da regra de concordância.

**Palavras-chaves:** concordância nominal, concordância verbal, português brasileiro

## A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português africano, brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo preliminar

Autores; Antônia Cláudia Bento Damião <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UNILAB – Universidade da Integração I. Da Lusofonia Afro-Brasileira

**Resumo:** Considerando-se as pesquisas e os estudos sociolinguísticos a respeito da concordância verbal (doravante, CV) no português brasileiro e no português europeu, nos quais se evidenciou o emprego variável de verbos em terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural (doravante, 3PP) junto de sujeitos de 3PP e, além disso, considerando-se, ainda, a afirmativa de que o fenômeno é característico somente do português brasileiro, buscamos neste trabalho realizar o estudo sociolinguístico preliminar do fenômeno variável de CV de 3PP no português africano e, a partir da análise dos resultados, angariar mais subsídios para uma possível justificativa das origens de fenômenos de concordância no PB. O presente trabalho tem como base teórica os princípios da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994), bem como diversos estudos do PB que apontam como fatores relevantes nesse fenômeno variável: saliência fônica verbal, animacidade do referente, tipo estrutural do sujeito, paralelismo formal – em nível oracional e discursivo, posição do sujeito em relação ao verbo, além do fator social gênero. Para a composição do corpus, realizamos a coleta de amostras de falas de estudantes africanos da Unilab oriundos de Guiné Bissau, Angola e Cabo Verde, que foram analisadas qualitativa e quantitativamente por meio do pacote estatístico GOLDVARB. Das amostras de fala, observamos preliminarmente um percentual bastante elevado de emprego de verbos em 3PP junto de sujeitos de 3PP, com grande semelhança com o que se observa em amostras do português europeu. Por outro lado, esses resultados iniciais diferem dos verificados nos estudos do português brasileiros e se aproximam dos verificados no PE, sugerindo, ainda que de forma bastante primária, que o fenômeno variável de CV de 3PP no PB não decorreria da influência de línguas africanas no Brasil.

**Palavras-chaves:** concordância verbal, terceira pessoa do plural, português africano

## A ocorrência da partícula se na produção linguística de falantes da região noroeste fluminense do Rio de Janeiro

Autores: Angélica Lima Dutra <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Objetivo de nosso pôster é apresentar os resultados de nossa investigação sobre a variação no uso da partícula 'se' em construções do PB. Para tanto, investigamos a variedade linguística de falantes do Noroeste Fluminense. Os dados de nosso estudo foram obtidos com o registro de fala espontânea, através de situações de conversação, e com registro da fala monitorada, através do uso de formulário. Todos os dados de nossa pesquisa são de natureza primária, coletados nas cidades de Natividade e Itaperuna, localizadas no Noroeste do Estado do Rio de Janeiro. Diferentes autores (LEMLE & NARO, 1978; LEMLE, 1985; KLIFFER, 1982; MONTEIRO, 1991; ABAURRE & GALVES 1996; GALVES, 2001), observaram que o pronome se seria o mais frequente entre os clíticos do PB, ao mesmo tempo em que também seria o clítico mais instável da língua em termos de posição e ocorrência. Investigamos a instabilidade apontada no uso do clítico em construções recíprocas, reflexivas e com verbos pronominais. Os resultados preliminares de nossa investigação parecem sustentar a hipótese de que no português do noroeste do Rio de Janeiro, o apagamento da partícula se tenha sido desencadeado pela instabilidade entre a posição proclítica e enclítica da própria partícula. Explicamos todo o processo que teria envolvido seu apagamento à luz das teorias que explicam os pronomes e seus traços na Gramática Gerativa.

**Palavras-chaves:** morfossintaxe, partícula se, variação intralinguística

## A representação anafórica do objeto direto no PB oral – o uso do clítico acusativo e formas alternativas

Autores: Adriana Lopes Rodrigues Coelho <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Nesta pesquisa, a referenciação anafórica do objeto direto é observada à luz das orientações da sociolinguística Laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1986; LABOV, 1972 e 1974); nesta perspectiva, desenvolve-se uma pesquisa sincrônica com análise de dados em tempo aparente. A variável

dependente estabelecida para este estudo compreende cinco fatores, sejam eles: (i) O pronome átono (Os alunos têm ótimos resultados nas avaliações; os docentes sempre os orientam); (ii) O pronome lexical (Os alunos têm ótimos resultados nas avaliações; os docentes sempre orientam eles); (iii) SN referencial (Os alunos têm ótimos resultados nas avaliações; os docentes sempre orientam os alunos/ os meninos) e (iv) Categoria vazia (Os alunos têm ótimos resultados nas avaliações; os docentes sempre xxxx orientam). Tais formas de representação são analisadas a partir do controle de variáveis linguísticas e extralinguísticas, para que se possam observar fatores específicos que, possivelmente, exerçam influência sobre o condicionamento do fenômeno. O principal interesse desta investigação é averiguar, com base no fenômeno observado, a correspondência entre as normas gramatical e padrão (no sentido de Faraco 2008) que orientam as aulas de Língua Portuguesa e a norma praticada na oralidade, por indivíduos cultos. Para tanto, utiliza-se o corpus concordância, cuja amostra selecionada corresponde a informantes brasileiros cultos, masculinos e femininos, de diferentes faixas etárias. Os resultados preliminares corroboram aqueles demonstrados em estudos anteriores, em que a representação anafórica do objeto direto na fala culta apresenta um quadro de mudança em progresso, demonstrando formas que não correspondem às normas gramatical e/ou padrão e nem mesmo à gramática nuclear do falante, permitindo, assim, reflexões acerca da gramática do letrado, conforme KATO (2005). De modo geral, esta investigação pode contribuir para o reconhecimento dos aspectos linguísticos próprios do padrão culto, evidenciando características da variedade brasileira da Língua Portuguesa que demonstram sua complexa e diversificada realidade linguística e sociocultural.

**Palavras-chaves:** gramática do letrado, objeto direto anafórico, sociolinguística

## A variação do objeto direto de 3ª pessoa em uma escrita próxima à fala: conversas de WhatsApp

Autores: Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Este trabalho, inserido na pesquisa *A expressão do sujeito no português carioca contemporâneo: variação e mudança*, da Profa. Dra. Vera Lúcia Paredes Silva, visa a analisar a expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica, em conversas privadas de *WhatsApp* entre jovens universitários. Definimos, aqui, conversas privadas como aquelas nas quais há apenas dois interlocutores, diferentemente de conversas em grupo. Por observarmos um fenômeno de variação linguística, pautamos-nos pela Teoria da Variação e Mudança de Labov (2008 [1972]); além disso, por considerarmos que tal variação depende de fatores discursivo-pragmáticos, utilizamo-nos de pressupostos da Linguística Funcional Norte-Americana. Obtendo nossos resultados a partir do pacote GoldVarb 2001, tomamos como aplicação da regra a variante anáfora zero, que, nesses dados, encontramos em variação com sintagmas nominais e pronomes (majoritariamente retos). Ao investigarmos os fatores interferentes na preferência dos informantes pela anáfora zero, destacamos os seguintes grupos de fatores: (a) animacidade, (b) distância entre as formas de referência e (c) manutenção ou mudança da função sintática. Os resultados da análise nos levaram a concluir que tal forma variante é preferida quando há (1) o traço [- animado] nas entidades, (2) distâncias menores entre as menções e (3) a manutenção da função sintática. Por fim, comparando os resultados da nossa pesquisa com aqueles encontrados em pesquisas anteriores, pudemos perceber que, embora seja efetivamente escrito, o *WhatsApp*, quanto à distribuição das formas variantes de objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica, parece se aproximar mais da escrita do que da fala.

**Palavras-chaves:** objeto direto, WhatsApp, sociolinguística

## A variação na 1ª pessoa do singular e o papel das perguntas na amostra EJLA

Autores: Letícia da Silva Guimarães <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Este estudo faz parte da pesquisa “A expressão do sujeito no português carioca contemporâneo: variação e mudança”, da Profa Dra Vera Lúcia Paredes Silva, e objetiva analisar o uso variável do pronome sujeito de 1ª pessoa em contexto pergunta-resposta. O material foi coletado no corpus EJLA, composto por entrevistas sociolinguísticas com jovens de baixa condição social, internos em regime socioeducativo (Escola João Luiz Alves). Dessa forma, por abordar um fenômeno variável, a pesquisa tem como pressupostos teóricos a Teoria Variacionista de Labov (1972) e, por tratar da repetição, o princípio do Paralelismo (SCHERRE, 1998). Distinguiram-se, como uma variável, dois tipos de repetição: repetição imediata do verbo da pergunta na resposta do falante (Gatilho) ou outra forma de repetição (Paralelismo). Além disso, consideraram-se as variáveis: (a) momento da entrevista, (b) tipo de pergunta, (c) extensão da

resposta, (d) tempo verbal, (e) polaridade e (f) elemento antecedente. Através de rodadas feitas no programa GoldVarb 2001, tendo a variante zero como aplicação da regra, o fator (f) mostrou-se mais influente em relação ao uso da variante zero. Também constatamos que esta variante tende mais a ocorrer (1) nos casos de pergunta-resposta com repetição do item verbal, (2) com repetição imediata do verbo da pergunta, (3) quando há manutenção do tempo verbal e (4) nas respostas curtas. Observamos, ainda, uma tendência dos falantes em manter o verbo repetido tal como está na pergunta, caracterizando um "eco". Por último, investigamos uma possível correlação entre o fenômeno investigado e do número de perguntas de cada entrevista, constatando que os falantes que tiveram mais perguntas em suas entrevistas forneceram menos dados de Gatilho. À vista disso, contrariamente às pesquisas anteriores (PAREDES SILVA, 2003; AGUIAR, 2015), constatamos o maior uso de sujeito de 1ª pessoa não-preenchido.

**Palavras-chaves:** paralelismo, sociolinguística, sujeito, variação

## Acomodação dialetal de sergipanos em São Paulo: uma análise preliminar sobre a produção de vogais médias pretônicas

Autores: Amanda de Lima Santana <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> USP - Universidade de São Paulo

**Resumo:** Com base no conceito de redes sociais (MILROY & LLAMAS, 2013), em fundamentos da terceira onda da Sociolinguística (ECKERT, 2012) e nos aportes teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), esta pesquisa propõe investigar os graus de acomodação dialetal no português falado por sergipanos residentes na Região Metropolitana de São Paulo. A análise da realização variável das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ (em palavras como "relógio" e "coragem") objetiva verificar se estes sergipanos passaram a pronunciar tais vogais com menor grau de abertura mais frequentemente, diferenciando-se do padrão de abertura maior, característico dos falares do Nordeste (NASCENTES, 1953 [1922]). A medida dessa abertura se dá por meio dos valores dos formantes F1 e F2 das vogais, o que torna possível falar em termos de "graus intermediários de acomodação", prevendo-se que a realização dessas vogais compreende um gradiente de aberturas. A partir de uma amostra coletada de acordo com a dinâmica das redes sociais (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]), interessa averiguar se o contato maior entre os migrantes entrevistados com paulistanos e paulistas favorece a acomodação dialetal e se, por outro lado, o contato mais denso com sergipanos e outros nordestinos tende a favorecer a manutenção do falar oriundo de Sergipe. Para o presente trabalho, será apresentada uma análise preliminar comparativa entre a produção dos sergipanos de uma das redes coletadas e a produção de paulistanos (provenientes da amostra SP2010 (MENDES & OUSHIRO, 2013)), com o intuito de apresentar, de modo introdutório, em que grau a pronúncia de tais nordestinos acomodou-se à fala paulistana, no que diz respeito às vogais médias pretônicas. Vale dizer ainda que a comparação será feita com os resultados obtidos por Oushiro (2016), uma vez que tal pesquisadora dedicou-se ao estudo das vogais médias pretônicas na fala de paulistanos (entre outros grupos de falantes).

**Palavras-chaves:** vogais médias pretônicas, acomodação dialetal, Sergipe

## Alteamento das vogais pretônicas anteriores + sibilante e rótico: análise em tempo real de curta duração

Autores: Sílvia Carolina Gomes de Souza <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O trabalho apresenta o estágio do fenômeno de alteamento, em vogais médias /e/ travadas por sibilante e rótico, ao longo de 40 anos. O português brasileiro parece distanciar-se do português europeu, no que tange ao comportamento das vogais médias, visto que aqui se mantêm as variantes não alteadas, ao passo que lá, majoritariamente, as alteadas. Os estudos indicam, no entanto, que o maior ou menor grau de alteamento depende do tipo de estrutura silábica e seu travamento. A pesquisa conta com inquéritos de falantes de nível superior completo das décadas de 1970 e 1990, constitutivos do Projeto Norma Oral Urbana Culta – RJ, e da década de 2010, do Projeto Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africana, Brasileira e Europeia. O corpus está sociolinguisticamente estratificado em três faixas etárias (25-35a; 36-55a; 56a em diante) e em dois gêneros (masculino e feminino), conforme os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, sendo submetidos ao programa Rbrul. Os resultados indicam que, em contexto de travamento de sibilante, as vogais anteriores apresentam grande favorecimento ao fenômeno, o que confirma estudos anteriores como Bisol (1981), Viegas (1987) e Avelheda (2013) quando afirmam que o alteamento é quase categórico quando a vogal pretônica encontra-

se travada por sibilante. Já em contexto de sílaba travada por rótico, apresenta baixo índice de alteamento. Em relação à análise em tempo real de curta duração, observa-se que o alteamento mostra-se cada vez menos produtivo, comprovando-se ser a preferência pelas médias uma característica da variedade brasileiro da Língua Portuguesa.

**Palavras-chaves:** pretônica, variação, mudança, tempo real

## As formas de tratamento dirigidas a Deus em preces evangélicas

Autores: Francis de Melo Valladares <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** A investigação visa descrever a expressão das formas de tratamento de segunda pessoa dirigidas a Deus na fala religiosa, considerando as funções sintáticas exercidas por tais formas (sujeito, complemento e possessivo). Para tanto, utilizam-se preces espontâneas de fiéis evangélicos em um momento de oração a Deus, durante cultos religiosos. Pretende-se analisar os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que (des)favorecem a expressão de segunda pessoa com base nos aspectos teórico-metodológicos da Sociolinguística de orientação laboviana (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), além do aporte da Teoria do Poder e Solidariedade (BROWN & GILMAN, 1960) e dos conceitos de Tradição Discursiva (KABATECK, 2006) e Comunidade de Prática (ECKERT, 2012). A pesquisa ancorou-se na hipótese de que haveria uma tradição discursiva intrínseca ao discurso religioso, bem como - por se tratar de uma comunidade de prática (comunidade religiosa)- se registrariam recursos linguísticos específicos. Resultados prévios referentes às preces espontâneas de orientação católica indicaram alternância entre as formas nominais e verbais do paradigma tu, o Senhor e vós, exibindo, portanto, um panorama variável da expressão de segunda pessoa nas funções sintáticas observadas. Entretanto, diferentemente do discurso religioso católico, resultados iniciais com preces espontâneas evangélicas, ainda que registrem formas de tratamento alternantes para se dirigir a Deus, apresentam as formas do paradigma P2 (tu) como preferenciais. Desse modo, a investigação fornece resultados significativos ao conhecimento do quadro pronominal brasileiro, bem como da configuração específica do domínio religioso. Ademais, espera-se que os resultados da pesquisa revelem a produtividade dos condicionamentos investigados e que colaborem para o entendimento desse fenômeno no discurso religioso, um contexto pouco investigado em pesquisas sociolinguísticas.

**Palavras-chaves:** formas de tratamento, variação pronominal, sociolinguística, discurso religioso

## As restrições linguísticas na palatalização do /S/ em coda silábica seguida de /t/ na fala de Caravelas-BA

Autores: Jares Gomes Lima <sup>1</sup>, Maria Marta Pereira Scherre <sup>1,2</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFES - Universidade Federal do Espírito Santo, <sup>2</sup> UnB - Universidade de Brasília

**Resumo:** Neste estudo, apresentamos uma investigação sobre a palatalização do /S/ em coda silábica seguida de /t/ com base na Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]). Pretende-se, pelas análises apresentadas, realizar generalizações sobre as influências das restrições linguísticas na variação em Caravelas-BA, a comunidade de fala eleita para estudo, evidenciando as características estruturais mais marcantes da variação. Para a constituição da amostra, foram eleitas as variáveis sociais sexo/gênero, escolaridade e faixa etária. O banco de dados será integrado por 36 informantes, porém, neste trabalho, serão considerados os 24 efetivamente gravados. Realizamos tratamento estatístico por meio do programa de análise multivariada Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), observando as realizações da variante alveopalatal [ʃ] em contraste com a produção alveolar [s]. Todas as variáveis sociais foram selecionadas. Quanto às restrições linguísticas, nosso foco neste trabalho, estabelecemos quatro, e três delas foram estatisticamente significativas, porém, focaremos duas delas, as variáveis fonético-fonológicas. A primeira é o contexto vocálico antecedente. Os traços que mais favorecem a produção da variante palatalizada são [+posterior] e [+alto]. Nesta variável, o fator que apresenta efeito mais forte é a vogal [u]. A posteriorização manifesta ser o traço de maior influência, pois também indicaram efeito favorecedor as vogais [ɔ] e [o], paralelamente ao efeito da vogal alta anterior [i]. Assim, quanto mais recuada e mais alta a língua na vogal antecedente, maior a chance de uma realização alveopalatal. Em seguida, vem o contexto consonantal seguinte. A variante alveopalatal foi favorecida pela africada alveopalatal [tʃ] e inibida pela oclusiva [t], mostrando que, por conta da articulação na região palatal, as características fonéticas análogas confirmam serem as mais relevantes quando levamos em consideração o contexto seguinte. Evidencia-se assim um fenômeno regular de assimilação de traços, respectivamente, de forma regressiva e progressiva.

**Palavras-chaves:** fala caravelense, palatalização, variação

## Atitudes linguísticas de professores da educação básica e desvios ortográficos

Autores: Marcus de Sene Garcia <sup>1</sup>, Juliana Bertucci Barbosa <sup>3</sup>, Egisvanda Isys de A. Sandes <sup>2</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UNESP/FCLAr - Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - Araraquara, <sup>2</sup> UNESP/FCLAr - Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - Araraquara, <sup>3</sup> UFTM Câmpus Uberaba - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo principal apresentar um teste de atitudes linguísticas desenvolvido para investigar as atitudes dos professores de Educação Básica de escolas públicas de Araraquara, SP, em relação aos desvios de escrita. Nesse teste, buscamos verificar também se os professores diferenciam os diferentes tipos de desvios de escrita que os alunos podem apresentar (BORTONI-RICARDO, 2005): (i) aqueles ocasionados por convenção ortográfica e (ii) aqueles ocasionados por influência de hábitos da fala na escrita. No Brasil, verificamos que em um primeiro momento, o foco de pesquisas da área de Sociolinguística foi a descrição linguística a partir de corpus, principalmente na modalidade falada, porém, recentemente estamos em um processo de ampliação dessas pesquisas para além do descritivo e começamos a investigar as crenças, as atitudes e as avaliações linguísticas de diferentes comunidade de fala e como esses fatores interferem no processo de constituição da identidade de uma comunidade (por meio de sua língua) e no próprio ensino de língua. Para conceituar atitudes linguísticas, partimos dos trabalhos de Lambert et. al. (1960) e Cyranka (2007) e para construção do teste, de pesquisas realizadas por Cyranka (2007), Aguilera (2008) e Barbosa e Cuba (2015). O teste será aplicado em quatro diferentes escolas de Araraquara/SP, com professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II. Nosso teste de atitude está dividido em duas partes: uma primeira que buscou identificar o perfil social e a formação dos professores participantes da pesquisa e uma segunda, como questões que buscaram investigar atitudes diante a ocorrência do fenômeno analisado e atitudes na prática escolar. Especificamente, em nossa pesquisa, os estudos de atitude linguística nos permitiram compreender de que maneira o professor trata questões da língua com seus alunos, principalmente, os casos de desvios de escrita, e as consequências desse tratamento no ensino da língua portuguesa como língua materna

**Palavras-chaves:** atitudes linguísticas, desvios ortográficos, ensino de língua portuguesa

## Atuação de fatores extralinguísticos no uso variável do subjuntivo

Autores: Joana Angelica Santos Lima <sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UNEB - Universidade do Estado da Bahia

**Resumo:** Analisa-se a atuação de fatores extralinguísticos no uso variável das formas do presente do subjuntivo na fala de Salvador, fundamentando-se nos procedimentos teóricos e procedimentos metodológicos da Sociolinguística Quantitativa laboviana. Nesse estudo, buscou-se investigar em que medida os fatores extralinguísticos como gênero, faixa etária e nível de escolaridade condicionam o uso variável das formas do presente do subjuntivo na fala de Salvador. O corpus analisado foi constituído de 816 dados de fala extraídos de entrevistas semi-estruturadas com vinte e quatro informantes naturais da cidade de Salvador (Ba). Neste estudo, aventou-se a hipótese de que o uso predominante das formas do subjuntivo em relação às formas do presente do indicativo e as estruturas alternativas (construções sintáticas produzidas com verbos nominais no infinitivo, no gerúndio, ou elípticos) não são significadamente favorecidas pelos fatores extralinguísticos: gênero, faixa etária e nível de escolaridade. De acordo com os resultados, a variável formas do presente do subjuntivo se mostrou predominante entre as demais variáveis analisadas; na ausência dessa variável, o falante soteropolitano usa, preferencialmente, a variável estruturas alternativas com alta frequência das formas nominais no infinitivo; os fatores gênero, faixa etária e nível de escolaridade exercem relativa influência no uso variável das formas do presente do subjuntivo na comunidade linguística investigada.

**Palavras-chaves:** subjuntivo, fatores extralinguísticos, Salvador

## Cândido de Figueiredo e o advento da Sociolinguística

Autores: Jorge Augusto Alves da Silva <sup>1</sup>, Luciane Neri Pereira <sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** Objetiva-se com esse estudo apresentar reflexões sobre usos populares confrontando-os com a prescrição normativo-gramatical purista, materializada na pessoa de Cândido de Figueiredo, que recolheu diversos documentos representantes da lusofonia de seu tempo (final do século XIX e início do século XX).

Figueiredo considerou tudo aquilo que desviasse do padrão como “enfermidades”. Nesse sentido, por meio do cotejo com as prescrições feitas pelo autor com formas usuais do português popular, demonstramos que os processos gramaticais observáveis seguem os padrões de mudança linguística que culminaram na formação da variedade popular do Português do Brasil, língua usada por aqueles que constituem a pirâmide social de nossa pátria. Como recorte, discutimos o uso dos artigos (presença vs ausência), na seguinte ordem: (a) reconhecimento de “incorreções” apontadas por Figueiredo, (b) discussão das supostas causas das “incorreções”, (c) percepção de tais “incorreções” como recorrentes no corpus do Português Popular, (d) justificativa à luz da Linguística Histórica e do Funcionalismo acerca das motivações do uso e de sua permanência na língua atual. Ao longo da história das línguas, houve uma supervalorização da descrição da língua padrão, esquecendo-se de apresentar a língua viva e vernacular daqueles que estiveram à margem da cultura letrada. O estudo, portanto, apresenta-se como uma contribuição para se compreender a sócio-história do Português do Brasil.

**Palavras-chaves:** purismo, linguística histórica, enfermidades da língua, sociolinguística

## Concordância nominal interna ao SN e monitoração estilística

Autores: Fernanda Fabiana Silva da Rosa <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Este trabalho focaliza a concordância nominal interna ao SN no Português Brasileiro com corpus coletado de dois momentos da fala – espontânea e controlada – de mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro, mais especificamente do bairro de Campo Grande. A coleta dos dados foi realizada de duas maneiras: através de gravações secretas, sem o conhecimento inicial do informante, e por meio de entrevistas sociolinguísticas, tendo sido o uso de ambas as recolhas autorizado pelos entrevistados. A hipótese geral para a realização da pesquisa é a de que haveria menores taxas de marcação de plural na fala espontânea, se comparadas às da fala semiespontânea. Desse modo, os altos índices de concordância obtidos em diversas pesquisas anteriores seriam influenciados pelo fato de a entrevista sociolinguística constituir um registro semiespontâneo/controlado. O objetivo principal é levantar dados de sintagmas nominais plurais, coletados em ambos os registros, controlado e espontâneo, e estabelecer uma análise comparativa do desempenho dos informantes quanto à concordância. O aporte teórico-metodológico utilizado é o da Sociolinguística Variacionista. Para realizar este trabalho, cumpriram-se as seguintes etapas: (i) realização das gravações secretas e controladas; (ii) transcrição das gravações; (iii) coleta dos dados; (iv) codificação dos dados; (v) tratamento estatístico no pacote de programas Goldvarb X (porcentagens, pesos relativos e tabulação cruzada entre os resultados gerais do registro e dos informantes); e (vii) análise e interpretação dos dados. A hipótese levantada para o comportamento geral dos dados foi confirmada: o registro espontâneo apresentou menor marcação de plural (38%), em comparação ao registro controlado (10.3%). Dentre as variáveis linguísticas relevantes, estão Processos morfofonológicos de formação de plural e Relação dos constituintes do SN, confirmando, mais uma vez, que a posição mais à esquerda do SN e palavras com maior saliência fônica retêm a desinência de plural.

**Palavras-chaves:** concordância nominal, monitoração estilística, sociolinguística

## Crenças e atitudes linguísticas no estudo da especialização semântica e do alteamento pretônico

Autores: Anna Carolina da Costa Avelheda <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Caracterizado pela elevação das vogais médias pretônicas e controlado por fatores de ordens linguística e extralinguística, o processo de alteamento vem sendo amplamente discutido no âmbito de seus fatores condicionantes. Apesar de se considerar que o fenômeno não constitui objeto de estigmatização social (CALLOU & LEITE, 2006), sabe-se que “os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes ‘têm o mesmo significado’ e existe uma forte tendência a atribuir diferentes significados a ela” (LABOV, 2008: 290). Dessa forma, abre-se espaço para a ocorrência de especialização semântica, “processo pelo qual se reserva uma variante para a expressão de cada sentido particular” (AVELHEDA, 2013: 89). A presente pesquisa, portanto, delinea-se com o objetivo de verificar se o alteamento pretônico se presta a veicular significados menos valorizados, baseando-se na hipótese de que o fenômeno tende a ocorrer “quando o significado veiculado pelo item é menos prestigiado socialmente”, ao passo que “a expressão de significados mais valorizados se dá sistematicamente pela manutenção da vogal média” (AVELHEDA, 2013). Para tanto, elaborou-se um questionário fonético-fonológico, visando a identificar como os usuários da língua produzem os itens cujos sentidos podem influenciar na escolha da

variante alteada ou da variante médio-alta. A análise detalhada dos dados demonstra que, embora o alteamento pretônico se faça presente na produção linguística dos informantes, a ocorrência de especialização semântica é mais sutil do que demonstram a experiência e a observação empíricas, uma vez que os respondentes, ao menos na situação comunicativa aqui estabelecida, tendem a se preocupar com a pronúncia correta dos itens quando estão sendo entrevistados e gravados.

**Palavras-chaves:** alteamento pretônico, atitudes linguísticas, avaliação subjetiva, sociolinguística, variação

## Expressões da concordância verbal de P6: o plano fonético de uma variação morfossintática

Autores: Jéssica Araújo Moraes Rocha <sup>1</sup>, Silvia Rodrigues Vieira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, <sup>2</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** A noção de saliência fônica, proposta por Lemle; Naro (1977) e adotada como uma variável importante em diversos estudos sociolinguísticos, aponta uma estreita relação entre concordância verbal explícita de terceira pessoa do plural e o grau de diferenciação na oposição à forma singular. Torna-se importante averiguar, diante disso, quais são as expressões fônicas que sustentam o controle dessa distinção. Esta pesquisa, que visa à descrição das realizações fônicas da desinência verbal de P6, faz uso do Corpus Concordância, que foi constituído pelo projeto de que faz parte, "Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias". Analisam-se, inicialmente, dados extraídos de entrevistas feitas com falantes cariocas residentes de Copacabana e adjacências, atentando às suas características socioculturais e às variáveis linguísticas que possam atuar no comportamento do fenômeno. Toma-se por base para a descrição (morfo)fonética, além dos autores já citados, a proposta de Bisol (1996) no que diz respeito às noções de sândi e processos fonético-fonológicos. Para o tratamento variacionista dos dados, de modo a observar o encaixamento da regra variável na estrutura da língua e no tecido social, o trabalho fundamenta-se nos preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística de orientação laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Resultados preliminares indicam a sensibilidade da regra às variáveis tonicidade, contexto subsequente, faixa etária e escolaridade: as desinências em sílabas átonas são as mais variáveis em sua expressão fônica; o contexto seguinte à desinência com nasais ou vogal oral são o locus da variação; e os falantes mais jovens e mais escolarizados demonstram preferência por realizações padrão. Espera-se contribuir, através de um controle mais refinado da saliência fônica, para o conhecimento dos padrões de concordância em variedades do Português, bem como para a interface com o nível fonético na investigação de fenômenos morfossintáticos.

**Palavras-chaves:** concordância, morfossintaxe, fonética

## Formas de indeterminação do sujeito no estado da Bahia: um estudo sociolinguístico

Autores: Tassila Ferreira Vale Guimarães <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UNEB - Universidade do Estado da Bahia

**Resumo:** Em diversos contextos, os falantes costumam usar construções linguísticas que apresentam o sujeito indeterminado, seja quando não é sabido quem praticou a ação em questão ou simplesmente quando não se quer revelar quem é o sujeito agente. As formas canônicas consideradas como possibilidade de indeterminar o sujeito são as seguintes: (i) a presença do verbo na terceira pessoa do plural ou (ii) o verbo na terceira pessoa do singular acompanhado do pronome se. A pesquisa empreendida tem como objetivo o estudo de todas as formas de indeterminação do sujeito nas sete mesorregiões da Bahia. Porém, a proposta desta apresentação se restringe a identificar as formas de indeterminação encontradas na fala de entrevistados em três cidades da Bahia (a capital, Salvador; Ilhéus, no Sul baiano e Barreiras, no Extremo-Oeste do estado). Para tanto, utilizar-se-á os dados do ALIB (Atlas Linguístico do Brasil). Além das formas já canonizadas pela gramática normativa para indeterminar sujeito, esta pesquisa buscará apresentar outras variantes para tal ocorrência, a saber: expressões nominais, verbos na terceira pessoa do singular (desacompanhado da partícula 'se') e verbo no infinitivo impessoal. A pesquisa está fundamentada nos pressupostos teóricos e metodológicos da teoria socioquantitativa variacionista difundida por Labov.

**Palavras-chaves:** sujeito, indeterminação, Bahia, sociolinguística

## Interação-em-sala-de-aula: prestígio/desprestígio nas interações entre estudantes estrangeiros aprendendo português

Autores: Silvio Geraldo de Almeida <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFV - Universidade Federal de Viçosa

**Resumo:** O trabalho visa a investigação e análise das interações que ocorrem em salas de aula de Português como Língua Estrangeira (PLE), no tocante à relação prestígio/desprestígio entre alunos que compõem as turmas de Português para Estrangeiros da Universidade Federal de Viçosa (UFV). A reflexão suscita vários questionamentos, tais como: que sinalizações entre os interagentes remetem ao estabelecimento da relação prestígio e/ou desprestígio entre os mesmos? Os estudantes constroem uma relação hierárquica de prestígio/desprestígio entre si, em função da comunidade linguística a qual o falante pertence originalmente em uma situação de aprendizagem de português no Brasil? A construção do prestígio/desprestígio pode evoluir para a estigmatização de indivíduos ou grupos linguísticos no ambiente da sala-de-aula? Pretende-se investigar a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise da Conversa Etnometodológica-ACE (LODER, JUNG, 2008), e da Sociolinguística Interacional (RIBEIRO, GARCEZ, 1998), como são apresentadas, êmicamente, ou seja, pelos próprios interagentes e entre eles, as ações que levam à construção tanto do prestígio quanto do desprestígio no ambiente de sala-de-aula de Português como Língua Estrangeira (PLE). Objetivos específicos: Verificar, nas interações, como se dão as construções das faces entre os interactantes; Observar as ocorrências de prestígio e/ou desprestígio e como são apresentadas pelos interagentes no ambiente de sala-de-aula. O trabalho supõe uma futura pesquisa de caráter microetnográfico, qualitativo, descritivo e interpretativo.

**Palavras-chaves:** sociolinguística, interação, análise da conversa

## Mapeando a língua em uso: inglês na paisagem linguística de Natal-RN

Autores: Juliana Geizy Marques de Souza <sup>1</sup>, Neemias Silva de Souza Filho <sup>1</sup>, Beatriz Helloyse Araújo de Freitas <sup>1</sup>, Jennifer Sarah Cooper <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**Resumo:** Este trabalho objetiva descrever e analisar os diferentes usos da Língua Inglesa presentes nas placas de diversos estabelecimentos de 7 bairros com níveis distintos de Índice de Qualidade de Vida (IQV) (BARROSO, 2003) da cidade do Natal, Rio Grande do Norte, verificando as possíveis razões sociais envolvidas nas escolhas dos proprietários e se há relação entre uso do inglês e IQV. A pesquisa tem um caráter qualitativo-quantitativo e exploratório, e pretende ser base para futuros estudos sobre padrões de língua existentes na paisagem linguística da cidade em questão, visto que apenas o trabalho de Cooper et al. (2013) havia sido anteriormente realizado. Para tanto, os dados foram coletados previamente através do Google Maps e, em seguida, pessoalmente pelos pesquisadores. O corpus do trabalho é constituído de imagens de placas de estabelecimentos que apresentam qualquer tipo de influência do inglês, sejam palavras inteiras ou modificações ortográficas realizadas para se assemelhar à língua inglesa. As ocorrências foram analisadas e separadas em 8 categorias de acordo com parâmetros morfossintáticos – em conformidade com as definições de Halliday e Matthiessen (2014) – e sociais, uma vez que a língua está precisamente inserida em um ambiente público real, com agentes sociais reais e com função específica, não aleatória (BLOMMAERT, 2013). Por isso, uma mesma placa pode ser classificada em mais de uma categoria. Após a categorização, os dados foram analisados para verificar se havia correlação entre a escolha do inglês em detrimento do português e o IQV. Os resultados sugerem que o uso da língua inglesa em nomes de estabelecimentos é bem distribuído por toda a nossa amostra. Além disso, nossos resultados vão ao encontro dos apontados por Cooper et al. (2013), indicando que o uso da língua inglesa pelos proprietários dos estabelecimentos na amostra analisada tem caráter estético.

**Palavras-chaves:** identidade local, mapeando a língua, morfossintaxe, ortografia, paisagem linguística

## O artigo definido antes de pronomes possessivos e antropônimos

Autores: Alane Luma Santana Siqueira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

**Resumo:** No Português Brasileiro há a possibilidade de o falante realizar ou não um artigo definido antes de pronomes possessivos e nomes próprios, não gerando prejuízo em termos semânticos (a. O meu pai saiu/meu pai saiu e b. O João saiu/João saiu). Partindo dessa constatação, tomamos como alicerce a

Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) a fim de verificar se variáveis intrínsecas e extrínsecas à língua estariam influenciando na realização do artigo em dados de língua oral de doze falantes da cidade de Serra Talhada, no sertão de Pernambuco. Os procedimentos metodológicos consistiram na elaboração de roteiro de entrevista, ficha social, termo de consentimento, coleta, transcrição, seleção, codificação, rodada dos dados no GOLDVARB X e análise. As variáveis extralinguísticas adotadas foram: faixa etária (1. 10 anos, 2. 20-40 anos e 3. Acima dos 55 anos) e sexo (feminino e masculino). Já as linguísticas foram: tipo de informação (se compartilhada ou não) – para os antropônimos; tipo de relação semântica e a pessoa do discurso – para os possessivos. As comuns aos dois contextos foram: status informacional, contexto preposicionado e tipo de preposição. O total de uso de artigos foi baixíssimo antes dos antropônimos, com 14,5% (23/159), e antes dos possessivos, com 22,8% (62/272), isto é, o artigo antes desses contextos, é quase inexistente, no entanto, o GOLDVARB selecionou variáveis condicionadoras no uso do artigo definido: o sexo e a faixa etária, para os antropônimos, sendo o sexo feminino e a faixa 1 os fatores que favoreceram o uso de tal forma. Em relação aos pronomes possessivos, somente o contexto preposicionado e o tipo de preposição foram relevantes, sendo a preposição ‘em’ a que mais favorece o uso do artigo. Desse modo, o artigo parece se comportar de maneira distinta nos contextos selecionados, mas, nos dois casos, há uma sistematicidade.

**Palavras-chaves:** artigo definido, pronome possessivo, nome próprio

## O comportamento do rótico no corpus do AliB: Criciúma e Caçapava do Sul

Autores: Ingrid da Costa Oliveira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Ingrid Oliveira (UFRJ). Orientadora: Carolina Serra (UFRJ). A partir de dados do projeto AliB, focalizamos neste trabalho o fenômeno variável de apagamento do R, em posição de coda silábica final (dizeR), confrontando o comportamento linguístico de indivíduos de três cidades do interior da região sul: Criciúma (ESTADO), Caçapava do Sul (ESTADO) e Guarapuava (ESTADO). Serão utilizadas amostras de fala (discurso semidirigido) de indivíduos com baixo grau de escolaridade (até a quarta série do Ensino Fundamental), de ambos os gêneros e de duas faixas etárias distintas -- de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos. Nosso objetivo principal é verificar o avanço do cancelamento do rótico em coda silábica externa no Sul do país. Nos dialetos dessa região a consoante mantém-se ainda como uma vibrante ápico-alveolar, nossa hipótese portanto é a de que há uma frequência ainda baixa de cancelamento em coda, se comparada a de cidades como Rio de Janeiro e Salvador, que apresentam pronúncias do R mais posteriorizadas (fricativa velar/fricativa laríngea), e onde o apagamento em posição de coda final é quase categórico (CALLOU & SERRA, 2012). Com base no aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994) e da teoria da hierarquia prosódica (Nespor & Vogel, 1986), pretende-se investigar a atuação de fatores linguísticos e sociais na aplicação do processo, além do seu encaixamento na estrutura prosódica da língua: quanto mais alta a fronteira prosódica maior seria a tendência à preservação, o que poderia explicar a diferença de índices de apagamento em fronteiras interna e externa à própria palavra (Callou & Serra, 2013; Serra & Callou, 2015). Resultados preliminares apontam, para a cidade de Criciúma, um índice de apagamento do R de 94% em verbos e 3% em não-verbos. O comportamento em Caçapava do Sul foi semelhante, com 88% de apagamento em verbos e 9% em não-verbos.

**Palavras-chaves:** rótico, apagamento, sociolinguística, região sul

## O desserviço das redes sociais no ensino de variação linguística

Autores: Eduarda Vieira Merencio Ramos <sup>1</sup>, Renata Fonseca Lima Da Fonte <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco

**Resumo:** Este estudo teve como objetivo analisar o uso das redes sociais na categorização dos níveis de competências dos indivíduos a partir do uso da língua (português brasileiro) em situações de conversa com e sem monitoramento, debates e discussões na rede social *Facebook* e vídeos na plataforma *YouTube* (em especial, o canal da *Youtuber* Marcela Tavares, ``Sem filtro``, vídeos como o ``Não seja Burro``). Para construção do estudo, do qual participam professores secundários da rede privada, com mais e menos experiência docente, obtivemos retorno através de entrevistas realizadas via *WhatsApp* através de mensagens de texto e áudio, fundamentadas na sociolinguística aplicada à educação. A fundamentação da pesquisa, na perspectiva da sociolinguística, posiciona-se contra o enaltecimento do preconceito linguístico disseminado no ambiente virtual. Detivemo-nos na análise da abordagem do professor ao trata da variação linguística na sala de aula, relacionando-o a vídeos de ``aulas virtuais`` elaboradas por ``professores da rede``, dimensionando a influência sobre os falantes. A metodologia proposta para essa investigação foi o

estudo comparativo das respostas dos professores secundários. O *corpus* da pesquisa constitui-se de um breve questionário (composto por três perguntas) direcionado aos professores docentes, incitando-os a manifestarem seus posicionamentos diante do preconceito linguístico paralelo a sua postura e didática ao tratar o tema proposto.

**Palavras-chaves:** variação linguística, preconceito linguístico, sociolinguística

## O ingliding do falar porto-alegrense: da percepção à produção linguística

Autores: Samuel Gomes de Oliveira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** O ingliding de vogais em sílabas tônicas (né~néah, agora~agoahra) do português falado em Porto Alegre (RS) parece ser, em termos linguísticos, efeito da marcação de limite do constituinte prosódico frase entoacional (BATTISTI, 2013; BATTISTI e OLIVEIRA, 2014). Um estudo de percepção, avaliação e atitudes (OLIVEIRA, 2015) sobre o ingliding revelou tendência a considerar o processo como característico do falar porto-alegrense e associado a moradores da região central da cidade (principalmente do bairro Bom Fim), que apresentam sotaque em seu falar e que podem ser descontraídos, desencanados, descolados e preguiçosos. Com o objetivo de investigar os fatores linguísticos e sociais que estariam associados à aplicação de ingliding, bem como sua relação com construção de estilo/identidade através de comparação entre resultados de percepção e produção linguística, foram realizadas oito entrevistas sociolinguísticas (amostra piloto do acervo LínguaPOA, atualmente em desenvolvimento) na cidade de Porto Alegre. Tais entrevistas foram submetidas à análise de regra variável (quantitativa) através do pacote Rbrul (JOHNSON, 2016) e à análise de conteúdo (qualitativa), através da qual é possível investigar o estilo de quem tem o falar marcado por ingliding. Os resultados da análise de regra variável apontam as variáveis vogal nuclear e tipo de sílaba como condicionadoras do processo, que é favorecido por vogais médias baixas e sílabas abertas. A análise de conteúdo mostra relação entre o falar com ingliding e as características listadas no estudo de percepção, que podem sugerir, conforme resultados obtidos na análise, relação entre o processo e a persona típica surgida no movimento jovem dos anos 1980 em Porto Alegre, que teve o bairro Bom Fim como palco (MIGOTTO, 2015). Esses resultados reforçam hipóteses e fornecem importantes pistas que serão consideradas em etapas futuras do estudo, que contará com ampliação do corpus investigado.

**Palavras-chaves:** Ingling, percepção linguística, produção linguística

## O R em coda silábica externa no Português do Sul do Brasil: variação e prosódia

Autores: Mayra Santana <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O presente trabalho apresenta resultados preliminares da análise do comportamento linguístico variável de falantes mais escolarizados, oriundos das três capitais dos Estados da região Sul do Brasil, no que tange ao apagamento do rótico, considerando a possível influência do tipo da fronteira prosódica em que se encontra o segmento para a aplicação do processo. As amostras de fala espontânea (discurso semidirigido) utilizadas fazem parte do *corpus* do Projeto ALiB (<https://alib.ufba.br/>) e estão estratificadas por gênero e faixa etária dos falantes (18-30 anos e 50-65 anos). Fazendo uso do aparato teórico-metodológico da Sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994), busca-se testar variáveis linguísticas (classe morfológica, dimensão do vocábulo, contexto subsequente, contexto antecedente) e sociais que atuem no processo de cancelamento do *R*. Lança-se mão ainda dos pressupostos da teoria da hierarquia prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 1986/2007), a fim de testar um possível condicionamento prosódico para o fenômeno, a depender da localização do segmento rótico em relação às fronteiras prosódicas de palavra prosódica, sintagma fonológico ou sintagma entoacional. Os dados foram submetidos a tratamento estatístico pelo programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Os resultados preliminares mostram um avanço no processo de apagamento do rótico no Sul do país, principalmente entre os verbos, subsequentemente nas capitais Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre: 91%; 90% e 85%. Demonstram também que o processo já se iniciou entre os não-verbos, embora ainda apresentem índices percentuais baixos de apagamento do *R*: 14%; 27% e 0%, respectivamente.

**Palavras-chaves:** apagamento do rótico, variação linguística, prosódia

## Pretônica /o/ em duas variedades do português

Autores: Isabel Cristina Neves Pereira Coelho <sup>3,3</sup>, Eliete Figueira Batista da Silveira <sup>3,3</sup>  
Instituição: <sup>3</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Esta pesquisa estuda a vogal pretônica /o/ em dados do Português. O Português Brasileiro caracteriza-se pela tendência à manutenção da variante médio-alta posterior [o] que pode alçar a [u]. Já o Português Europeu apresenta o uso predominante da variante alta [u] e avança na mudança, pois já ocorre o cancelamento do segmento. A proposta inicial pretendia analisar o cancelamento da pretônica /o/ em sílaba livre (**no**venta, **pro**blema, **ocu**po), a fim de examinar se o apagamento pretônico estaria sob os mesmos condicionamentos do alteamento em sílaba livre no PB (cf. AVELHEDA, 2013). Para tanto, coletaram-se 2.086 dados no *corpus do Projeto Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias*, dos quais apenas 13 ocorrências foram canceladas, 1.782 concretizaram-se pela variante [u] e 291 pela variante [o]. Os resultados preliminares indicam que o cancelamento incide menos sobre a pretônica /o/ do que sobre /e/ no PE, não sendo contexto de variação. Nesse sentido, o comportamento se assemelha ao PB, cujas análises mostram que o alteamento também atinge menos a pretônica posterior. Em função disso, a análise centrou-se na variação [o] ~[u], cujos resultados revelam que: i) no PE e PB, o alteamento tem o predomínio de estruturas CV, uma das características das línguas de ritmo silábico; ii) a sílaba V é contexto desfavorecedor do alteamento nas duas variedades; iii) a harmonia vocálica não parece atuar sobre a vogal [o] no PE, e iv) o alteamento não parece ser estigmatizado no PE, sendo mais produtivo entre as mulheres. Empregam-se os pressupostos teóricos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972/2008; LABOV, 1994), bem como os recursos estatístico-probabilístico do programa Rbrul.

**Palavras-chaves:** mudança, português, pretônica, variação

## Pronúncia variável de NDO na fala paulistana

Autores: Dany Thomaz Gonçalves <sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> USP - Universidade de São Paulo

**Resumo:** Com base nos aportes teóricos-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), este projeto de pesquisa propõe investigar a pronúncia variável de –ndo na variedade paulistana do português brasileiro. A pronúncia variável de –ndo tem sido estudada desde o final dos anos 70 sob diferentes perspectivas. Alguns pesquisadores se atêm à pronúncia variável do sufixo de gerúndio – com ou sem assimilação de [d] (por exemplo, falano ou falando) – que podem ser explicitadas com os trabalhos das diferentes variedades do português: Mollica (1989), Cristóvão Silva (1996), Martins (2001; 2006), Dalpian & Méa (2002), Mota & Nascimento (2004), Honório (2005), Ferreira (2010), Vieira (2011), Nascimento et al.(2013). Segundo esses autores, os estudos da pronúncia variável de [d] tendem a se delimitar ao sufixo de gerúndio, dada sua baixa frequência em outros contextos (por exemplo, na palavra quando). Autores como Amaral (1920), Marroquim (1934), Melo (1971), consideram o fenômeno como uma característica do falar “caipira”, próprios de falantes “incultos e rudes”. Conclui-se para que tais autores, tal fenômeno é estigmatizante. No Rio de Janeiro, Mollica (1989) mostra que este caso de assimilação não é socialmente marcado, embora a variável se correlacione a fatores sociais (além de linguísticos). Mollica mostra que os jovens de 7 a 14 anos são os que mais produzem a assimilação (80% dos casos). Em São José do Rio Preto, Ferreira (2010) verifica que há um processo de mudança na direção da assimilação de [d], uma forma que caracterizaria a comunidade riopretense, sendo recorrente na fala dos homens, dos menos escolarizados e dos mais jovens (7 a 35 anos). O propósito deste trabalho é averiguar quais fatores linguísticos e sociais condicionam a ocorrência desse fenômeno nas entrevistas do Projeto SP2010 (MENDES & OUSHIRO, 2012).

**Palavras-chaves:** NDO, fala paulistana, sociolinguística

## Quadro pronominal no ensino fundamental: uma abordagem em três eixos

Autores: Monique Débora Alves de Oliveira Lima <sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O desenvolvimento das pesquisas sociolinguísticas gerou aporte teórico suficiente para construção de princípios para a Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2014). No que tange ao ensino de Língua Portuguesa, um dos maiores desafios do professor, e também dos materiais disponibilizados para esta atividade, é justamente o tratamento da variação linguística, em conformidade

com as orientações oficiais, contidas nos PCNs. O presente trabalho, fruto de um projeto desenvolvido com duas turmas de uma escola pública, teve por objetivo a elaboração e aplicação de atividades que buscavam atender as diretrizes oficiais para o ensino da variação linguística e também seguir o ensino de gramática baseado em três eixos, conforme proposto por Vieira (no prelo). Segundo a pesquisadora, o ensino de Língua Portuguesa deve focalizar fenômenos linguísticos que permitam a atividade reflexiva sobre gramática (Eixo I), funcionem como recursos expressivos na construção do sentido do texto (Eixo II), e constituam instâncias de manifestação de normas e variedades (Eixo III). Definiu-se a estratégia de sequência didática como metodologia principal a nortear a pesquisa, uma vez que se trata de um contexto escolar. Além dessa metodologia, foram aplicados ainda testes de diagnose para verificar o estado inicial de conhecimento dos alunos em relação ao tema abordado. Dessa forma, no decorrer de um ano letivo, as atividades foram desenvolvidas pela professora regente, com uma turma de sexto ano e outra de sétimo, para promover o ensino de gramática baseado nesses três eixos. A sequência apresentada neste trabalho adotou como tema o uso dos pronomes pessoais, e, além dos exercícios linguísticos e epilinguísticos, também trouxe atividades lúdicas como proposta didática. Os resultados dessa intervenção pedagógica de viés sociolinguístico foram qualitativos e indicaram, a partir da reaplicação dos testes diagnósticos, que a abordagem contribuiu positivamente para o ensino do conteúdo escolar escolhido.

**Palavras-chaves:** quadro pronominal, sociolinguística educacional, jogos

## Róticos em contexto em coda silábica no português de São Tomé

Autores: Monique Oliveira Correa <sup>3</sup>

Instituição: <sup>3</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** No Português de São Tomé (doravante PST), observa-se alto grau de instabilidade na produção dos róticos, verificando-se, na fala de muitos indivíduos, a neutralização dos dois fonemas róticos, inclusive no contexto intervocálico em que, nas demais variedades do Português, se obtém distinção significativa. Neste estudo, focaliza-se a não concretização de R em coda silábica interna – como em “peRgunta” – e externa – como em “dizeR”/“qualqueR” – a segunda variante mais produtiva nesses contextos, em que predomina o tepe. Para a consecução do trabalho, desenvolvido segundo os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), levaram-se em conta dados selecionados de entrevistas pertencentes ao Projeto VAPOR, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, realizadas por Tjerk Hagemeijer, em 2009. Os informantes da pesquisa, todos falantes de Português como L1, estão distribuídos por sexo, três faixas etárias (18-35, 36-55 e 56-75 anos) e três níveis de escolaridade (fundamental, médio e superior), sendo, ainda, classificados segundo o uso mais ou menos constante do Forro, o crioulo de base portuguesa mais falado em São Tomé. A análise focaliza separadamente a nãoconcretização em contexto interno e externo, com base, respectivamente, em 1140 e 1592 dados, controlando quatro variáveis sociais e oito estruturais. Os resultados demonstram que o processo – predominantemente condicionado por fatores de natureza social – é mais produtivo em contexto externo, incidindo, sobretudo, entre os verbos no infinitivo, embora em menor escala no Português do Brasil.

**Palavras-chaves:** róticos, coda silábica, variação

## Róticos em contexto pré-vocálico no português de São Tomé

Autores: Davi Bretas dos Santos Pessanha <sup>1</sup>, Stefany de Paulo Pontes <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, <sup>2</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** No Português de São Tomé (doravante, PST), há instabilidade na produção dos róticos, não se verificando, na fala de muitos indivíduos, o mesmo tipo de distribuição de segmentos que se verifica no Português Europeu e no Português do Brasil, em que ocorrem dois fonemas róticos. Em alguns casos, a neutralização entre os dois fonemas se dá mesmo no contexto intervocálico, em que, nas demais variedades do Português, se obtém distinção significativa (*carro* x *caro*). Tal quadro parece derivar do contato com o Forro, o crioulo mais falado na área, que, em sua gênese, não adotou róticos: quando da formação dessa língua, os róticos dos itens lexicais do Português a ele incorporados foram reinterpretados como lateral alveolar ou foram apagados (FERRAZ, 1979: 22-23). Só recentemente, itens lexicais com róticos passaram a constituir o léxico do Forro (ARAÚJO, 2007). O estudo – realizado à luz da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) – tem como objetivo discutir os fatores que condicionam o uso do tepe alveolar como concretização de R forte nos contextos intervocálico (como em “terra”) e inicial de vocábulo (como em “roça”), com base respectivamente, em 293 e 564 dados selecionados de entrevistas pertencentes ao *Corpus* VAPOR, do Centro de Linguística da Universidade de

Lisboa. Os informantes distribuem-se por sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade, sendo, ainda, classificados segundo o uso mais ou menos constante do Forro, o crioulo de base portuguesa mais falado em São Tomé. As análises demonstraram que o tepe predomina em ambos os contextos, sendo condicionado sobretudo por variáveis de natureza social, entre as quais sobressaem o nível de escolaridade e a frequência de uso do crioulo, especialmente organizada para testar a possível influência do contato com o Forro no PST.

**Palavras-chaves:** róticos, contexto pré-vocálico, variação

## Sobre a concordância verbal no PB

Autores: Bruna Lara Leal Martins <sup>1</sup>, Dinah Callou <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Neste trabalho, observa-se a questão da concordância verbal de P3/plural (os meninos estudam/ os meninos estudaØ) na fala de indivíduos com mais de 12 anos de escolaridade, em 17 capitais do Brasil. A amostra analisada foi extraída de entrevistas informais do corpus do Projeto ALIB ([www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br)) com falantes de duas faixas etárias (18 - 30 anos e 50 - 65 anos), de ambos os sexos/gêneros (homens e mulheres). A análise busca identificar marcas de concordância dos verbos na 3ª pessoa do plural e, para isso, baseamo-nos no aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994). As hipóteses para essa variação morfológica têm a ver com a origem do português brasileiro e pressupõem que o cancelamento da marca de concordância (i) já estava presente no Português Europeu (PE) ou (ii) é resultante de intenso contato linguístico, a chamada transmissão linguística irregular. Utilizou-se, para a análise quantitativa dos resultados, o programa Goldvarb2001. Mais uma vez, o processo de ausência da marca parece ser sensível a condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, tais como, grau de animacidade do sujeito ([-anim] 29,1%), distanciamento do sujeito para o verbo (SV 0: 12,9% e SV 7: 36,3%), posição do sujeito na oração (posposição 24,3%), saliência fônica (< 23,5%), região (Natal: 18,2%, Rio Branco: 26,1%, Vitória: 36,8%, Cuiabá: 44,8% e Porto Alegre: .29,6%) e faixa etária (mais velhos com 26,6%). O caráter inovador do trabalho reside em procurar relacionar o percentual de ocorrência do processo a indicadores demográficos e história social das comunidades.

**Palavras-chaves:** concordância, variável, terceira pessoa, sociolinguística, história linguística

## Sociolinguística na sala de aula do século XXI: uma abordagem tecnológica

Autores: Ingrid Lima Pereira Peres <sup>1</sup>, Ricardo Joseh Lima <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo:** Não é recente o debate sobre o lugar da Sociolinguística na sala de aula do ensino fundamental. Ideias (Bagno e Rangel, 2005), metodologias (Bortoni-Ricardo, 2005) e práticas (Cyranka, 2013) ilustram como pesquisadores têm levado a cabo esse debate. O trabalho desenvolvido neste projeto de Iniciação Científica, orientado pelo Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima, pretende contribuir para o quadro em questão ao apresentar a proposta de aplicação em sala de aula da utilização de um aplicativo para celular, construído de acordo com o referencial teórico da Sociolinguística. Entre os objetivos do aplicativo estão a desmistificação do conceito de "erro" na língua e a possibilidade fornecer explicações científicas para construções consideradas como erradas, tais como "a gente vamos", "framengo" e "menas". A escolha de um aplicativo para ser o canal de transmissão de conteúdos de Sociolinguística para alunos de ensino fundamental aconteceu por se acreditar que informações em meios tecnológicos e com linguagem de fácil acesso poderiam aproximar os alunos desses conteúdos. Nesta apresentação, apresentaremos uma proposta de utilização do aplicativo, criando uma sequência didática que auxilie o professor na construção da discussão sobre o conceito de "erro" na língua, ao mesmo tempo em que sinaliza a importância da conscientização dos alunos a respeito dos vários conceitos de norma. Ao fim, pretende-se que esse tipo de inserção da Sociolinguística em sala de aula seja considerada compatível com as expectativas discentes e que a comunicação entre essas duas partes aconteça de modo mais efetivo.

**Palavras-chaves:** sociolinguística, tecnologias, educação

## Um olhar sobre as estratégias de representação dos objetos na fala de feira de Santana-BA

Autores: Deyse Edberg Ribeiro Silva <sup>1</sup>, Norma Lucia Fernandes de Almeida <sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

**Resumo:** Assim como em outras variedades do Português Brasileiro (PB), o português falado em Feira de Santana possui formas estratégicas distintas para a representação do objeto acusativo e dativo de referência à segunda pessoa do singular competindo, para objeto direto: o/a, te, lhe, você e objeto nulo; e para a representação do objeto indireto: te, lhe, para você e objeto nulo. Este trabalho empenhou-se em investigar a alternância de uso na representação do objeto dativo e acusativo de referência a segunda pessoa, explorando o objeto de estudo em dois esquemas de análise, a saber: i) O uso variável dos clíticos te e lhe para referenciar o interlocutor; ii) O uso variável dos clíticos te e lhe como objeto direto de referência à segunda pessoa do singular. Para a efetivação da análise foram utilizadas 60 entrevistas, distribuídos em três faixas etárias. As entrevistas de fala espontânea constituem parte do banco de dados do projeto de pesquisa A língua portuguesa falada no semiárido baiano (Fase: 3), composto por um total de 72 amostras de fala espontâneas. Valeu-se da Teoria Sociolinguística para a estratificação dos dados e análise dos mesmos. Dentre os resultados, destacamos: para o primeiro esquema analítico os grupos de fatores faixa etária e escolaridade, sendo os falantes a partir de 65 anos (faixa III) os que mais fazem uso do clítico lhe para referenciar o interlocutor. Conferiu-se ao segundo esquema analítico o grupo de fatores tempo e modo verbais como o mais pertinente, sendo o pretérito perfeito e o presente do indicativo os tempos verbais mais condicionantes ao uso do clítico como acusativo. Desse modo, este estudo agrega dados sobre a investigação de lhe como acusativo de segunda pessoa em Feira de Santana, assim como em outras variedades do PB.

**Palavras-chaves:** sistema pronominal, objeto direto e indireto, português brasileiro, feira de Santana

## Uma análise da variação do uso da língua portuguesa na rede social Facebook em Amargosa-BA

Autores: Letícia Santana de Souza <sup>1</sup>  
Instituição: <sup>1</sup> UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar como estudantes do 8º ano do ensino fundamental II de uma escola da rede pública estadual de Amargosa-BA utilizam a língua portuguesa na rede social Facebook. De modo mais específico, pretende-se analisar a variação no uso da língua através das postagens dos alunos na referida rede social e averiguar quando as diferentes variantes são utilizadas nos espaços digitais, considerando-se as variáveis sociais idade e gênero. Para a realização da pesquisa, utilizaram-se como referencial teórico os estudos de Bagno (2007), Levy (1993/1999), Lucchesi (2004), Magnabosco (2009), Marcuschi (2008), Rojo (2009) e outros. Além disso, foram aplicados questionários com alunos do 8º ano do ensino fundamental II de uma escola da rede pública estadual de Amargosa-BA no ano de 2016, no âmbito do projeto “As interfaces digitais: e o ensino de língua portuguesa na educação básica: entraves, desafios e múltiplas possibilidades para o aprendizado da escrita” e realizadas oficinas com os estudantes, com o propósito de avaliar como o uso da rede social Facebook pode contribuir para uma leitura e escrita mais dinâmica e observar a utilização das regras ortográficas e as variações na língua, através da interação dos sujeitos por meio do uso da referida rede social. A análise dos dados embasou-se nos fundamentos da pesquisa explicativa, com método de abordagem quantitativa. Após a aplicação das oficinas, verificou-se que a utilização das redes sociais contribui para uma escrita mais espontânea, porém as variações de escrita utilizadas especificamente no âmbito digital podem ser inseridas na escrita formal desses alunos. Portanto, podemos concluir que a rede social Facebook ilustra as variações no uso da língua pelos alunos, sendo promissora ao ensino, dependendo da forma de utilização, já que a partir desse estudo ratificamos o quanto a língua é flexível e dinâmica nos diferentes contextos comunicativos.

**Palavras-chaves:** variação linguística, tecnologia, Facebook

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017. Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.